



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

RAUL ALMEIDA DOS SANTOS

**A criação literária como tema em *O Cemitério dos Vivos* de  
Lima Barreto**

SÃO CARLOS – SP

2021

RAUL ALMEIDA DOS SANTOS

**A criação literária como tema em *O Cemitério dos Vivos* de  
Lima Barreto**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras (Português-Espanhol) da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Wilton José Marques.

SÃO CARLOS – SP

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço meu orientador Wilton Marques, em quem sempre trouxe à luz possível da literatura, sua generosidade, atenção e confiança.

As professoras Diana Junkes, Fernanda Castelano e Rejane Rocha e ao professor Jorge Valentim, pelas aulas tocantes e inspiradoras.

A minha mãe Marly, a maior inspiração e força, sem ela nada seria possível. A José meu pai, e meus irmãos, Cássio e Otávio, sendo suporte, força e carinho. E também para Téo, o amor canino que me acompanha.

A todos os amigos e casas que me habitaram. Em especial para Aline, Isadora, Jéssica, Rafaela, Roma e Thales, a caminhada com vocês fez mais sentido.

A palavra, sempre a palavra, que busco, estranho, encontro e me desencontro.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar a obra *O Cemitério dos Vivos* (1919) do escritor Lima Barreto, a partir da presença da criação literária como uma temática central na narrativa. Partindo dos tensionamentos existentes entre a ficção e biografia, que permeou a recepção do romance, pretendeu-se propor uma leitura frisando o caráter metalinguístico da obra, analisando como um romance que narra a construção de um livro. Para isso, buscou evidenciar os procedimentos estéticos utilizados e compreender as relações existentes com o projeto literário barretiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criação literária, Romance, Lima Barreto.

## RESUMEN

El presente trabajo de fin de curso tiene como objetivo analizar la obra *O Cemitério dos Vivos* (1919) del escritor Lima Barreto, a partir de la presencia de la creación literaria como tema central de la narración. Partiendo de las tensiones existentes entre ficción y biografía, que impregnaron la recepción de la novela, se pretendió proponer una lectura que enfatizara el carácter metalingüístico de la obra, analizándola como una novela que narra la construcción de un libro. Para ello, ha tratado de poner de relieve los procedimientos estéticos utilizados y comprender las relaciones existentes con el proyecto literario barretiano.

**PALABRAS-CLAVE:** Creación literaria, Novela, Lima Barreto.

*Eu que vinha de outras terras  
Tratando das minhas feridas  
Trazidas de uma vida aflita  
Meus traumas Freud não explica  
Eu encontrei a rosa  
E me tornei roseiro*

*Só  
Quando eu vim pra esse mundo  
Eu mostrei minha cara  
Sem marcar bobeira  
Cantei o meu canto  
E fiquei por cá  
Coisa castiça  
Coisa tão bonita  
Coisa tão faceira  
Cantei o meu canto  
E vi Luanda.*

(ALELUIA, Mateus. *Fogueira Doce*. 2017)

## SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. Lima Barreto: primeiros momentos .....	13
2. Recepção crítica: primeiras leituras e o hoje.....	21
3. O Cemitério dos Vivos: um romance .....	32
Considerações finais .....	45
Referências bibliográficas .....	49

## **Introdução**

O presente trabalho tem o objetivo de investigar o romance *O Cemitério dos Vivos* do escritor Lima Barreto. O livro escrito em 1919, teve o primeiro capítulo publicado no *Jornal Carioca* em 1920, e dentre outros aspectos, utilizou como inspiração as anotações feitas no diário que escreveu durante o período de dezembro de 1919 a meados de fevereiro do ano seguinte, momento da segunda internação do autor no Hospital de Alienados no Rio de Janeiro.

Cabe brevemente apontar o enredo da obra, narrada em primeira pessoa por Vicente Mascarenhas que conta a trajetória de seus primeiros momentos como funcionário público, até a inserção em meios intelectuais e as primeiras pretensões de produções e publicações literárias. Em meio a sonhos e planos, decorre-se a degradação familiar e individual, o que culmina em problemas com álcool e sua internação. O romance possui cinco capítulos e entrou para o grupo de “obras inacabadas”, pois a finalização do livro foi interrompida pela morte do autor em novembro de 1922.

A análise busca enfatizar a importância da criação literária como uma temática central na narrativa. Ainda que essa informação esteja inserida no enredo do romance, nas pesquisas e reflexões acerca do texto, muito do que foi estudado e analisado recai sobre o aspecto autobiográfico, sobretudo, no que se refere à experiência de internação.

No primeiro capítulo “*Lima Barreto: os primeiros momentos*”, traz à tona aspectos importantes da vida do autor, principalmente ao que se refere à sua inserção em espaços culturais e sua atuação inicial em jornais e revistas. Trata-se de uma passagem importante para compreender a concepção de arte que o autor possui e de que maneira se distanciava com a produção cultural da *belle époque*.

De maneira contundente, Lima Barreto não cede ao jogo de cartas marcadas do Brasil recém republicano, e de uma maneira ou de outra, o escritor tem consciência do efeito que suas escolhas políticas e principalmente estéticas podem acarretar na leitura de sua obra. Diante disso, o segundo capítulo “*Recepção crítica: primeiras leituras e o hoje*”, busca enfatizar de que modo a crítica literária recebeu os primeiros textos barretianos e o que permaneceu e mudou na leitura contemporânea. Evidencia-se a

carência de estudos críticos sobre *O Cemitério dos Vivos*, principalmente ao que se refere à presença da criação literária.

Perante a escassez de análises que se aprofundem nessa perspectiva, o terceiro capítulo “*O Cemitério dos Vivos: um romance*”, propõe uma leitura que ressalta a construção de um livro como um tema centralizador da narrativa. A partir desse olhar, analisou-se de que maneira tal temática dialoga com o projeto literário barretiano e quais mecanismos estéticos foram utilizados na composição da obra.

# Capítulo 1

## 1. Lima Barreto: primeiros momentos

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881 na cidade do Rio de Janeiro. Sete anos depois, a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea no mesmo dia e na mesma cidade. Uma coincidência de fato, mas também, representativo em seu campo histórico e simbólico. Acompanhado por uma multidão empolgada, Lima ao lado de seu pai estavam diante do Paço Imperial quando a Princesa assinou o documento. Interessante pensar que a trajetória de Lima Barreto acompanhou os processos iniciais de abolição da escravatura no Brasil, que se deu inconclusa e excludente e como tal realidade aparece na produção literária do autor. Cabe ressaltar que não se trata de estigmatizar a relação entre o acontecimento histórico e a produção literária, mas sim, colocar em evidência como a trajetória de Lima Barreto enquanto autor foi causa direta das configurações sociais daquela época.

A consolidação da carreira literária de Lima Barreto, para Carmem Negreiros de Figueiredo (2017), atingiu outros patamares após a publicação de relevante parte de sua obra lançada pelo biógrafo Francisco de Assis Barbosa ainda em meados dos anos de 1950, a partir de então, a obra tardiamente passou a circular em espaços de legitimação. Nos últimos anos o nome de Lima Barreto volta a receber holofotes advindos da homenagem pela Feira Internacional de Paraty em 2017, que culminou com o lançamento de vários livros, bem como a reedição de *A Vida de Lima Barreto* de Francisco Assis Barbosa<sup>1</sup>. Para Figueiredo, “seria a vida do escritor tão fascinante a ponto de ofuscar o interesse pela leitura crítica de sua obra?”, pois, apesar das inúmeras

---

<sup>1</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2003.

reedições de seus títulos e em meio a tantas festas e comemorações, ainda se carece de novos estudos críticos de sua literatura<sup>2</sup>.

Pensar a vida de Lima Barreto é também pensar sobre sua obra, já que não é novidade teórica o entrelaçamento do biográfico e do ficcional na obra barretiana. Num primeiro momento, torna-se relevante traçar as aproximações das fronteiras entre a ficção e a biografia, que parecem caras e tensas para a história dos estudos literários. Tal proximidade foi custosa durante o percurso literário do autor e, dentre outros motivos de sua tardia legitimação, deveu-se ao fato de sua literatura ter sido encarada pela crítica como muito próxima ao confessional. Nesse sentido, será necessário pontuar alguns dados de sua trajetória biográfica, sobretudo para que se compreenda o lugar de afastamento e marginalização de sua obra e, por tabela, o papel social do próprio Lima Barreto.

Marcada por um período de transição entre os séculos XIX e XX, oriundo de uma família de poucas posses, foi criado em um lar cercado por livros, por um pai que era tipógrafo e que depois desempenhou funções ligadas ao jornalismo e a imprensa e também por uma mãe professora. Foi apadrinhado pelo Visconde de Ouro Preto,<sup>3</sup> que o auxiliou no ingresso em espaços formais de ensino, seja no colégio Pedro II, seja, em meados dos anos de 1890 no curso de engenharia da Escola Politécnica.

Alguns acontecimentos futuros são decisivos para o caminho de Lima Barreto, como o falecimento da mãe, a loucura do pai, as condições precárias do lar e as constantes perseguições racistas que sofria na vida estudantil. Nas palavras de Antonio Arnoni Prado, inteligente e esforçado, Lima Barreto:

[...] tinha tudo para ser um excelente aluno, não fosse o preconceito racial que imperava na escola (...), mas era difícil, impossível mesmo continuar aquela vida estudantil. Lima Barreto era perseguido pelo professor Licínio Cardoso, sofria constantes reprovações injustas e experimentava frontalmente a discriminação racial. Seu sentimento de revolta. Suas atitudes pessimistas e seu complexo de inferioridade aumentam.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> NEGREIROS, Carmem Lúcia. *Tensões entre vida e obra nas biografias de Lima Barreto*. Suplemento Pernambuco, 2017. Disponível em: <https://suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/72-resenha/1906-tens%C3%B5es-entre-vida-e-obra-nas-biografias-de-lima-barreto.html>. Acesso em abril, 2021.

<sup>3</sup> Visconde de Ouro Preto (1836-1912) foi padrinho de Lima Barreto. Importante figura política da segunda metade do século XIX, tendo exercido dentre outros cargos, o de ministro do Império.

<sup>4</sup> PRADO, Antonio Arnoni. *Literatura comentada: Lima Barreto*. São Paulo: Abril Educação, p. 4, 1980.

Diante desse contexto de discriminação racial, em 1897, o autor abandonou os estudos na Escola Politécnica para trabalhar, surgindo, neste momento, os primeiros problemas com o alcoolismo. Também iniciou os primeiros contatos com o meio intelectual, frequentando cafés, livrarias e redações de jornais, o que acabou culminando com o início de suas colaborações para jornais. Em 1905, passa a escrever regularmente para o jornal *Correio da Manhã* e mais tarde assinando com pseudônimos de Philéas Fogg e S. Holmes,<sup>5</sup> colabora para as revistas *Fon-Fon* e *Revista da Época*.

Ainda que a colaboração em tais revistas tenha iniciado Lima Barreto em redes de sociabilidades no meio jornalístico e literário, parecia insuficiente assinar com pseudônimos e se limitar da completa liberdade de expressão e criação. O afã, culminou mais adiante, juntamente com um grupo de amigos a criação da *Revista Floreal* em 1907. O biógrafo Francisco de Assis Barbosa pontua que além de Lima estar à frente da revista, já revelava um forte traço de sua militância literária como projeto:

Foi Lima Barreto, entretanto, quem tomou conta do projeto, realizando-o, por ser “o mais ostensivamente lutador”, entre os seus companheiros, declara com ênfase no artigo de apresentação, revelando sem subterfúgios o principal objetivo do periódico: o dever de publicar seus escritos. Dever que não era só de um, mas de todos os colaboradores da revista. “Este caminho”, acrescenta, para completar o pensamento, “se nos impunha, pois nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pai livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só há um meio de se chegar ao editor - é o jornal”. (...) Os moços da Floreal, surgiram, assim, dispostos a lutar contra os mandarins da literatura, muitos dos quais ocupavam posição-chave nos jornais e nas revistas.<sup>6</sup>

É crucial sublinhar a importância da criação da *Revista Floreal* na trajetória de Lima Barreto. O periódico manteve poucos leitores e encontrou diversas dificuldades para sua manutenção, no entanto, conseguiu chamar a atenção do crítico literário José Veríssimo pela contundência das críticas, chegando a comentar sobre a revista no *Jornal do Comércio*, o que gerou grande satisfação em Lima.<sup>7</sup> A revista ainda permitiu criar um espaço para que Lima Barreto pudesse explicar suas opiniões e para o desabrochar do que posteriormente o próprio autor denominou de “literatura militante”.

---

<sup>5</sup> BOTELHO, Denilson. *Floreal e o Jornalismo no tempo de Lima Barreto*. Intercom–Sociedade, p. 3, 2006.

<sup>6</sup> BARBOSA, op. cit. p. 139-140.

<sup>7</sup> BOTELHO, op. cit. p. 4.

Nesse sentido, Lima Barreto publicou em 1918 no semanário *A.B.C.* um artigo intitulado “Literatura militante”, em que, entre outros aspectos, refletia a respeito da relação entre o futuro do país e a literatura. A vista disso, defendia que o Brasil naquele momento não possuía passado e somente futuro, sendo então necessário um revisionismo das representações literárias construídas até então. Para Daniel Vivacqua Carneiro, a representação em Lima está diretamente associada na busca da particularidade do povo e do território brasileiro.

Nesse sentido, é somente compreendendo que a literatura deveria se interessar pela “alma da nossa gente”, pela sociedade e a natureza do Brasil, em razão de serem particularidades dessa terra, e que, portanto, possuíam condições, qualidades e problemas próprios a serem resolvidos, que Lima Barreto pode ser considerado um nacionalista. A sua escrita se destina por um sonho, o projeto de um Brasil futuro, de um povo mais consciente dos problemas sociais mais solidário aos desfavorecidos pela ordem das coisas, o que não significa que ele desejasse menos do que isso para o resto do mundo.<sup>8</sup>

Portanto, para o autor, a literatura assume um papel social e capaz de despertar a consciência, assim ele visualiza a potência da literatura semelhante ao papel que se ocupa a religião. Como aponta Carneiro, a literatura barretiana se destina para um sonho, para um projeto futuro de um país mais solidário e justo. Entre a constatação da tragédia presente e a mirada como sonho através da contestação, parece se situar a produção literária do autor.

Nos primeiros anos do século XX, autores como Lima Barreto e Euclides da Cunha encontraram identificação com as classes populares, advindo principalmente do desprezo ao trabalho intelectual. Ao discorrer sobre a representação do povo nesse período, Tânia Pellegrini elucida um painel dos caminhos trilhados por ambos autores

Assim, nessa situação de crise, para muitos, é como se nos extratos sociais postos à margem estivesse o ponto fixo em que apoiar anseios e projetos. É o caso de Lima Barreto e de Euclides da Cunha, de quem a própria história de vida pode ajudar a explicar muita coisa (...) É da cidade em intensa transformação que fala Lima Barreto; é do perverso processo de exclusão social de si e dos outros que ele extrai inspiração para construir personagens de todos os setores sociais.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> CARNEIRO, Daniel Machado Vivacqua. *Entre mágoas e sonhos do povo: Lima Barreto e o folclore urbano*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos – São Paulo. p. 19. 2019.

Ao elaborar sua crítica na construção das mais variadas personagens, o autor desnuda a sociedade postiça e hipócrita da época e assume um compromisso com o povo. O lugar social ocupado pelo autor, muito se relaciona com as percepções que o historiador Joel Rufino dos Santos também enxerga na identificação com as classes populares que Pellegrini menciona. No caso de Lima Barreto, Santos o aponta como um “intelectual que trabalha para os pobres e por isso livre das ilusões burguesas”, o que o torna um trabalhador da cultura e porta-voz dessa população.<sup>10</sup> Em outras palavras, o historiador complementa:

O movimento real vida-obra nunca é mecânico, como acreditam os biógrafos até mesmo aqueles que prezam o autor de Policarpo Quaresma. É dialético: sofrimentos do escritor o aproximaram da corrente renovadora das ideias de sua época – que em literatura era antiestetizante – o que lhe permitiu enxergar a dimensão social de certos fenômenos, o que, por sua vez, os levou à criação literária de situações, personagens e ambientes típicos. O final desse processo foi o escritor fazer-se personagem de si mesmo.<sup>11</sup>

O movimento vida-obra, que Santos menciona na obra de Lima Barreto, pode ser percebido no primeiro romance publicado *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909). Com este livro, Lima Barreto dava os primeiros passos para tentar se inserir no universo literário brasileiro, entendendo literatura como um exercício intelectual de atitude política. Tal postura combativa se inseria nas sombras recentes as quais a literatura e de certo modo o campo da cultura como um todo ocuparam durante os anos iniciais da República. Nesse sentido, é importante mirar tanto para o lugar de marginalização da figura do escritor quanto para projeto republicano como uma grande decepção:

A imensa transformação social, econômica e cultural que eles ajudaram a realizar, atuando como catalisadores de processos históricos, tomou um rumo inesperado e contrário às suas expectativas. Em vez de entrarem para um universo fundado nos valores da razão e do conhecimento, que premiasse a inteligência e a competência com o prestígio e as posições de

---

<sup>9</sup> PELLEGRINI, Tânia. *Realismo e Realidade na Literatura: um modo de ver o Brasil*. Editora Alameda, São Paulo, p. 145-146, 2018.

<sup>10</sup> SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do social. Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global. p. 78, 2004.

<sup>11</sup> Idem, p. 104.

comando, viram tudo reduzido ao mais volúvel dos valores: o valor do mercado.<sup>12</sup>

Um olhar atento na história para evidenciar o processo de banalização da produção literária, que, juntamente com o pensamento determinista, com as práticas de embranquecimento racial, e com a ascensão do projeto liberal, tiveram a intenção de usá-la como ferramenta da construção de um país segregacionista. Os principais efeitos que se percebem na composição da literatura daqueles que se arrojam ao projeto da *belle époque* é a tentativa de estabelecer um padrão burguês, para além do âmbito político, econômico e social, presente nas artes também:

A homogeneização das consciências pelo padrão burguês universal da *Belle Époque* deu o remate final do processo de estiolamento da literatura a que assistia então. Daí parecerem-se todos os romances uns com os outros e tomar a época neste ponto uma cansativa e pesada feição uniforme. A literatura se tornou um espaço cultural facilmente identificável por um repertório limite de clichês que só mudam na ordem e no arranjo com que aparecem. O próprio público e a crítica acabam criando uma expectativa do lugar-comum e da mesmice para identificar a natureza literária de um texto.<sup>13</sup>

Distante estava Lima Barreto de tal caráter de homogeneização de uma literatura fechada em si, na busca da arte pela arte ou da representação de um ideal tão distante da terra que pisava, da gente que olhava. A partir da busca da representação do povo em suas complexidades, de um olhar para a literatura como instrumento de informação e emancipação intelectual que as letras barretiana se debruçam e denunciam a realidade vigente. Serão características como essas que criaram terreno para compreender a análise do romance *O Cemitério dos Vivos*,<sup>14</sup> aspectos que se relacionam com a experiência social do escritor e que ajudam a compreender seu projeto literário.

O presente trabalho tem como objetivo investigar os limiares existentes entre a realidade e a ficção, vindo que, durante muito tempo a obra de Lima Barreto foi lida pelo viés da experiência biográfica a fim de estabelecer relações entre obra e vida. Importante realçar que esse aspecto pode ser observado por interpretações e leituras que predominaram os estudos de seus textos. Desde a publicação de considerada parte de

---

<sup>12</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão—tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia das Letras, p. 115, 2003.

<sup>13</sup> Idem. p. 123.

<sup>14</sup> BARRETO, Lima. *Diário do hospício & O cemitério dos vivos*. Editora Companhia das Letras, 2017.

sua obra, nos anos 50, pelo biógrafo Francisco de Assis Barbosa, em poucos momentos foram traçadas análises que se debruçam acerca do processo criativo do autor sem considerar uma possível relação com a realidade que estava inserido.

Como um dos exemplos mais contundentes da tensão entre ambas perspectivas, trata-se da obra *O Cemitério dos Vivos*, escrita durante os anos de 1919 e 1920, porém inconclusa diante da morte do autor em 1922. O romance foi baseado a partir dos diários que Lima Barreto escreveu durante o período<sup>15</sup> em que esteve internado pela segunda vez no Hospital de Alienados no Rio de Janeiro. Sob o título de *Diário íntimo* e *Diário do hospício*, em 1953 foram publicados juntamente com o romance em um mesmo volume, se configurando assim em edições posteriores.

O romance em linhas gerais narra a experiência manicomial do narrador-protagonista Vicente Mascarenhas. Dividido em cinco capítulos, a primeira parte da narrativa se inicia com a morte da esposa Efigênia. Tal eventualidade desencadeia a lembrança das primeiras interações que tiveram na pensão da sogra até a internação por alcoolismo no hospício. A lacuna deixada por tratar-se de uma obra inconclusa, somada a uma leitura que é sugestiva pelo trabalho apresentado de edição conjunta com o *Diário do Hospício*, ampliam as possibilidades do teor testemunhal.

---

<sup>15</sup> Lima Barreto foi internado entre os dias 25 de dezembro de 1919 a 02 de fevereiro de 1920.

## Capítulo 2

## 2. Recepção crítica: primeiras leituras e o hoje

Ao pensar a recepção crítica dos primeiros textos de Lima Barreto, já era presente um tipo de leitura que estreitava as relações existentes entre o biográfico e ficcional, basta lembrar do primeiro romance publicado, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909). Naquele momento, as relações do autor com os jornalistas e resenhistas eram praticamente diretas, Barreto demonstrava grande entusiasmo e disposição para fazer sua literatura circular. Jules Ventura Silva, que investigou a recepção crítica do livro em questão aponta que na medida da empolgação para se fazer publicar, também havia o desejo de obter algum tipo de controle acerca de suas interpretações. O autor acabou por vivenciar intensamente esse processo, pois “buscava negociar com outros agentes do seu campo intelectual com duas moedas em um jogo viciado” e, para além de viciado, tratava-se de um jogo muitas vezes de cartas bastante marcadas.<sup>16</sup>

A negociação que Lima Barreto buscava com tais figuras do campo intelectual diante da recepção do romance acabava se tornando frustrante. Ao invés da ênfase que o autor pretendia atingir ao narrar a tragédia pessoal do protagonista, o romance obteve leituras que sobressaiam o caráter polêmico da obra em sua representação de pessoas conhecidas da vida jornalística, que encontraram uma estreita aproximação da obra com a vida do autor.

---

<sup>16</sup> SILVA, Jules Ventura. *Lima Barreto, entre rumores e imagens: a circulação social da obra Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba – Paraná. p. 140. 2016.

O resgate das leituras iniciais da obra barretiana ajuda a compreender a cristalização que se obteve diante de sua obra e que construíram um terreno em constante tensão entre o biográfico e o ficcional. Problematizar esse embate torna-se possível à luz do distanciamento histórico e pelas perspectivas que a contemporaneidade propicia. No caso de *O Cemitério dos Vivos*, existe uma dificuldade em encontrar críticas e comentários a respeito do romance nos anos iniciais de sua primeira publicação, que teve as primeiras páginas publicadas em 1921 pela Revista Souza Crus nº 49, e em livro, somente em 1953 sob os cuidados de Francisco de Assis Barbosa.<sup>17</sup> Trata-se de um texto singular, pelos motivos que De Melo aponta:

Como vemos, tratamos de um texto com uma história singular. Teve suas primeiras páginas publicadas numa revista em 1921, trecho cujos manuscritos se perderam; não foi publicado inteiramente com seu autor vivo; esse autor não cuidou sequer de uma primeira edição da obra, nem a concluiu; seus manuscritos são de difícil trato, dadas as condições em que foram escritos – quando Lima Barreto ainda estava internado no Hospício Nacional de Alienados. Além disso, passou por cinco edições, todas póstumas e com intervalos de tempo relativamente longos: de 1956 a 1993, são nada mais nada menos que 37 anos. Também a primeira demorou a ser publicada, 31 anos.<sup>18</sup>

Para além da singularidade da publicação, encontra-se um silêncio em torno do romance, não apenas nos anos próximos quando publicado, mas também posteriormente. Dessa maneira, além dos prefácios que se encontram nas diferentes edições do livro, existe uma dificuldade em refletir sobre a recepção crítica da obra. O silêncio existente acerca do romance se mostra como significado, revelando que o autor não se enquadrava dentro dos parâmetros compreendidos do que seria literatura naquele momento. Ao investigar a relação da obra barretiana com sua recepção literária, no que cabe aos comentários referentes às primeiras publicações, Zélia Nolasco-Freire constata

---

<sup>17</sup> Segundo Melo (2017) existem quatro edições para além da primeira de 1953 publicada por Francisco Assis Barbosa. A segunda ocorreu em 1956 pela editora Brasiliense, essa em edição separada do *O Cemitério dos Vivos* com *Diário Íntimo* e *Diário do Hospício*. Em 1993, a terceira edição foi organizada por Maria Lúcia M. de Oliveira, Diva Maria D. Graciosa e Rosa M. de Carvalho Gens. A quarta edição foi publicada em 2004, pela editora Planeta. A quinta, publicada em 2010 pela editora Cosac Naify. E a mais recente, publicada depois do estudo de Melo, pela Companhia das Letras em 2017, somando um total de seis edições.

<sup>18</sup> MELO, José Radamés Benevides de. *A constituição do Autor-criador em O cemitério dos vivos, de Lima Barreto: reflexões iniciais*. II Encontro de Estudos Bakhtianos. Vida, Cultura, Alteridade. São Carlos. Pedro & João Editores, p. 18, 2013.

que para além da carência de críticas, um dos principais veículos da época, o *Jornal do Comércio*, impôs um silêncio acerca da obra do autor:

Não são muitos [os comentários], uma vez que a crítica oficial preferiu impor silêncio. O *Jornal do Comércio*, por ser o maior e mais poderoso, ao decretar o silêncio e proibir por cinquenta anos o nome do escritor em suas páginas, fez com que a maioria dos jornais também aderisse à decisão. O escritor Lima Barreto assim se expressou anos depois: “A única crítica que me aborrece é a do silêncio”.<sup>19</sup>

Junto com a preterição, a obra foi então “taxada de memorialística e autobiográfica, características que a conceituavam como literatura menor”.<sup>20</sup> Neste momento, pretende-se trazer à tona alguns comentários relativos aos primeiros livros publicados ou considerações gerais sobre a linguagem e o projeto literário de Lima Barreto, ao menos por duas justificativas: a dificuldade exposta em encontrar especificamente leituras iniciais do romance *O Cemitério dos Vivos*, e pela presença de um discurso autorreferente na recepção crítica, que é constantemente apontado nas obras do autor.

Dessa maneira, pensa-se na unanimidade na avaliação crítica sobre o primeiro romance do autor, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Destacamos o comentário do crítico literário José Veríssimo, em carta enviada a Lima Barreto em 5 de março de 1910, apontando certo talento do escritor, mas que há “imperfeições de composições, de linhagem e de estilo” e forte marca do personalismo, analisados como aspectos negativos:

Há nele, porém, um defeito grave, julgo-o ao menos, e para o qual chamo a sua atenção, o seu excessivo personalismo. É pessoalíssimo, e, o que é pior, sente-se demais que o é. Perdoe-me o pedantismo, mas a arte, a arte que o senhor tem capacidades para fazer, é representação, é síntese, é, mesmo realista, idealização. Não há um só fato literário que me desminta. A cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer a síntese de tipos, situações, estados d’alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia dos contemporâneos que põem um nome sobre cada pseudônimo, mas, escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das obras. [...] A sua amargura, legítima, sincera, respeitável, como todo nobre sentimento, ressumbra de mais no seu livro, tendo-lhe faltado a

---

<sup>19</sup> NOLASCO-FREIRE, Zélia. *Lima Barreto, imagem e linguagem*. Annablume, p. 58, 2005.

<sup>20</sup> Idem, p. 19.

arte de esconder quanto a arte o exija. E seria mais altivo não a mostrar tanto.<sup>21</sup>

O personalismo apontado como defeito é colocado também como um dos possíveis traços que podem tornar a obra efêmera. Num primeiro momento é importante pensar o tempo em que se encontram as presentes análises, essa compreensão defronta-se com os mecanismos históricos e sociais envolvidos no processo de leitura, que não se conforma meramente por impressões pessoais, mas sim, um conjunto de fatores que tem como principal referência as bases valorativas da Europa. Para Nolasco-Freire a crítica comportava-se dessa maneira na virada do século XIX para XX, e ainda possuía fortes reflexos dessa tendência em suas primeiras décadas.

É importante ressaltar a forte influência europeia em todos os segmentos sociais do Brasil, e não seria diferente ao se tratar da crítica literária, uma vez que não tinha uma tradição solidificada. Tudo voltava-se para o exterior.<sup>22</sup>

Por seu autor posicionar-se contrário às ideias moralizantes do beletrismo, a literatura de Lima Barreto choca-se diante dos parâmetros europeus da crítica, não aceitando as imposições sociais e culturais da época. Não cabe intensificar um embate entre ambos lados, mas sim, compreender de que maneira a crítica leu a obra barretiana e em que bases apoiavam as argumentações. Em outra crítica, empreendida em 1909 por Medeiros e Albuquerque, percebe-se uma chave de leitura pelo biografismo:

Mau romance – explica – porque é da arte inferior dos *roman à clef*. Mau panfleto, porque não tem a coragem do ataque direto, com os nomes claramente postos e vai até insinuações a pessoas, que mesmo os panfletários mais virulentos deveriam respeitar.<sup>23</sup>

Reafirmando o lugar polêmico que se assentou a recepção desse primeiro romance, o comentário parte de aspectos da vida real em paralelo com o romance. No caso do *O Cemitério dos Vivos*, ainda que não ocorra associações às pessoas públicas, o

---

<sup>21</sup> VERISSÍMO, José. *Apud* BARRETO, Lima. *Correspondência*. São Paulo: Brasiliense, 1956. t. 2. , p. 204-205, 1961.

<sup>22</sup> NOLASCO-FREIRE, op. cit. p. 40.

<sup>23</sup> MEDEIROS E ALBUQUERQUE *apud* BARBOSA, Francisco de Assis, op. cit. p. 181.

biografismo recai no reconhecimento da trajetória do autor e na sua experiência manicomial.

O importante ensaio de Alfredo Bosi, datado em 2007, intitulado *O Cemitério dos Vivos – Testemunho e Ficção*,<sup>24</sup> antecipa uma convivência entre o par dicotômico que se criou na obra barretiana. A constante alternância em referência ao *Diário do Hospício* e ao *O Cemitério dos Vivos*, cria uma possível dificuldade para um leitor desavisado, podendo compreender que ambas obras se tratam de uma mesma narrativa, como nota-se na seguinte passagem:

Embora a literatura brasileira já conte com um alto número de memórias e escritos autobiográficos, são raras as obras que possam valer como testemunhos diretos e coerentes de um estado de opressão e humilhação. Esse é o caso do “Diário do hospício” de Lima Barreto. O que me impressiona quando leio “O cemitério dos vivos” é o efeito de serena lucidez que sai dessas páginas escritas em um asilo de alienados.<sup>25</sup>

Assim como *Diário de Hospício*, *O Cemitério dos Vivos* também é considerado como um testemunho e não há uma clara distinção entre uma e outra, em quais aspectos se aproximam ou se distanciam. Em outros momentos, também é possível perceber pelas palavras de Bosi, em como o romance é tratado como uma transcrição do testemunho e por vezes desvia-se para o ficcional:

O leitor se surpreenderá ao constatar que, no exato momento em que o depoente entra a escavar o passado e aprofundar a sua “angústia de viver”, o texto confessional cede a um lance de ficção. O testemunho que, até então, parecia pura transcrição dos apontamentos de um internado, converte-se na matéria romanesca de uma novela inacabada, cujo título será igualmente *O cemitério dos vivos*.<sup>26</sup>

A transcrição que o crítico menciona admite uma ação que transpõe aspectos da vida real para a ficção, em um movimento que muitas vezes, é interpretado como uma construção literária que se constrói de maneira natural. Não por acaso, tal perspectiva retorna quando Bosi aponta que “a figura, depois evocada no romance como “minha mulher que é morta”, significa o salto para o plano do imaginário dado em um texto que

<sup>24</sup> BOSI, Alfredo. *O cemitério dos vivos. Testemunho e ficção*. Literatura e Sociedade, v. 12, n. 10, p. 13-25, 2007.

<sup>25</sup> Idem. p. 13.

<sup>26</sup> Idem p. 20.

respira, do começo ao fim, a idoneidade da testemunha ocular”.<sup>27</sup> Cabe problematizar, que tal movimento entre os polos do biográfico e do ficcional, implica mobilizações estéticas, específicas do projeto literário do autor.

No entanto, o crítico ao examinar o “elo entre o testemunho e ficção” elabora uma importante reflexão sobre a presença do ficcional do romance. Através do conhecimento da biografia do autor, afasta-se do personalismo:

A biografia de Lima Barreto, que se conhece em detalhe graças a pesquisas meticulosas (de que a obra de Francisco de Assis Barbosa é exemplo notável), desmente de maneira cabal a existência de uma esposa ou companheira desse homem solitário, talvez misógino, “limitando-se os seus contatos com as mulheres ao convívio com a irmã, também solteira, e aos encontros ocasionais com meretrizes.”<sup>28</sup>

Dessa maneira, é proposta uma mudança de perspectiva no romance, para além das relações estabelecidas com a biografia do autor. Diante das críticas mencionadas, algumas mais contundentes do que outras, mas de maneira geral, todas assentaram a obra de Lima Barreto pelo viés do testemunho. Com o distanciamento histórico dessa espinhosa questão é importante refletir ainda que brevemente sobre a função social exercida pela crítica oficial. Nessa perspectiva, retoma-se o prefácio de Antonio Candido ao livro de Sérgio Miceli,<sup>29</sup> em que examina a atuação dos intelectuais como correspondentes “a expectativas ditadas pelos interesses do poder e das classes dirigentes”.<sup>30</sup> Em outras palavras, Candido realça o papel dos intelectuais na solidificação e manutenção de determinadas correntes críticas, assim como, na sua correspondência com a expectativas do poder hegemônico.

O autor traz outra interessante reflexão ao colocar o trabalho de Miceli inserido em uma “formação da perspectiva histórica, no suceder de uma geração pela outra”.<sup>31</sup> Gerações estas que se formam a partir do distanciamento histórico que uma obtém sobre a outra, e isto, para Candido é um fator determinante na maneira de lidar e se relacionar com as informações no trabalho de análise. O exemplo do prefácio, ajuda a

---

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> Ibidem p. 20

<sup>29</sup> CANDIDO, Antonio. Prefácio. In. MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*, São Paulo, Difel, 1979. Universidade de São Paulo e na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais em Paris.

<sup>30</sup> Ibidem p.10.

<sup>31</sup> Ibidem p. 11.

compreender os reais contornos sociais e políticos em torno de um tipo de leitura que se fazia de determinados textos (atribuindo a eles determinadas características e valorizações), como é o caso de parte considerável da recepção crítica da obra do autor.

Estudar os textos de Lima Barreto coloca em questionamento discussões que se tornaram dilemas na historiografia literária: como ler *O Cemitério dos Vivos* frente à relação simbiótica do biográfico com o fictício? Para responder tal questionamento é necessário ter em mente o que foi refletido a respeito da formação das gerações críticas, principalmente em sua contribuição para a abertura de novos (outros) olhares diante dessa tensão existente, permitindo a sua convivência.

A partir de uma perspectiva em que é compreendida a plena consciência do autor sobre a presença biográfica em sua criação literária, e sendo interpretada não mais como desviante ou como um defeito para se atingir um ideal de literatura, mas sim, uma postura para uma representação e composição que buscava Lima Barreto em seu projeto literário. Perante essa mudança de olhar, Julio César Bastoni da Silva pontua que a redescoberta da obra do autor, traz uma outra compreensão por parte da crítica literária. Nas palavras do crítico:

A “redescoberta” de Lima Barreto como um escritor de si é alvissareira no sentido de adensar a compreensão de um projeto literário de que dera, infelizmente, poucas mostras ao longo de sua curta vida, e que pode ser, hoje, mais bem compreendida por uma crítica e uma historiografia literária voltadas a estudar a presença das classes populares na literatura brasileira.<sup>32</sup>

No que diz respeito ao *O Cemitério dos Vivos*, Silva tece importantes considerações quando investiga por outra lente a convivência do biográfico com o ficcional. Bosi em seu ensaio pontou que o conhecimento da biografia de Lima Barreto afasta o romance do aspecto testemunhal, Silva percorre um caminho contrário, ao notar que os possíveis elementos que fazem referência a biografia tornam-se criação literária, sendo esse movimento um dos alicerces da construção poética do autor.

O pulo do gato, porém, da ficcionalização, se dá não exatamente a partir da enumeração de fatos não ocorridos na biografia, mas na forma como possíveis elementos de experiência biográfica tornam-se motivos para a construção

---

<sup>32</sup> SILVA, Julio Cezar Bastoni da. *Apontamentos sobre a presença das classes populares na literatura brasileira: representação, autorrepresentação e propostas para uma historiografia*. FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, n. 21, p. 225, 2018.

romanesca, em especial para a construção da consciência e caracterização do protagonista.<sup>33</sup>

Quando se tem o conhecimento da consciência que autor obtinha do espaço social pertencente, questões como as raciais e as de classe aparecem na obra de maneira centralizada a fim de expor as contradições da sociedade brasileira. Adiante, Silva infere ao livro *O Cemitério dos Vivos*, numa linhagem de romances que possuem uma “poética da escrita de si”, ao examinar obras que retratavam as classes populares a partir da perspectiva (e representação) específica de seus autores, e no caso, em Lima Barreto se configurava a partir do viés da autorrepresentação, tratando-se de um processo criativo específico e legítimo.

Esse movimento de convivência, retoma uma importante discussão mobilizada por Antonio Candido a respeito das relações existentes entre os fatores internos e externos de uma obra, ou seja, do vínculo entre a obra e seu condicionamento social. Para o crítico interessa compreender a relação dialética que possuem.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.<sup>34</sup>

Os elementos externos são interpretados por Candido como um elemento importante na constituição do romance, pois de uma maneira ou de outra, afetam a elaboração de uma determinada estrutura. Não se trata em minimizar o aspecto biográfico - importante no projeto literário de Lima Barreto - mas sim, em complexificar uma relação que busca “a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel”,<sup>35</sup> aproximando-se de uma perspectiva que parece mais considerável diante de uma fronteira fragilmente estabelecida.

---

<sup>33</sup> Idem, p. 227.

<sup>34</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade. Crítica e Sociologia*. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro. p. 13-14. 2010.

<sup>35</sup> Idem. p. 14

A construção dessas polarizações para Giovani Kurz é efeito de “um sintoma de décadas de leituras insuficientes”<sup>36</sup> da obra barretiana, resultado de uma recepção hegemônica que acabou por dificultar outras possibilidades de significação. E não se trata de uma exclusividade dos leitores de sua época, ainda hoje perduram perspectivas que enxergam o narrador-protagonista Vicente Mascarenhas como alter-ego do autor, não ultrapassando as barreiras do biografismo. Com o *boom* que obteve, principalmente após ser a figura homenageada em 2017 na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), pode-se dizer que os holofotes recaíram mais sobre a figura e trajetória do autor do que sobre a sua obra. A publicação de uma nova biografia, escrita por Lilia Moritz Schwarcz<sup>37</sup> e o sucesso de vendas adquirido, demonstram tal cenário. O livro de Schwarcz, cede a perspectiva de reduzir o projeto literário de Lima Barreto à biografia, como examina Negreiros ao propor a seguinte reflexão:

Restam perguntas: por que é tão importante, neste ano de 2017, qualificar a obra a partir da vida do autor? Qual a contribuição dessa perspectiva aos estudos literários? Ainda cercada de muitos adjetivos – “ressentido”, “bovarista”, “do contra” –, cresce a figura de Lima, encarado como porta-voz e representante do que a biógrafa denomina “literatura negra”. Se, por um lado, *Triste visionário* reforça as lutas do escritor com as questões do seu tempo, por outro não deixa de empobrecer a leitura de suas obras quando estas são reduzidas às oscilações temperamentais do escritor ou às ambivalências de sua atuação intelectual e política.<sup>38</sup>

Nesse sentido, a fim de evitar a redução da obra barretiana, a busca pelos manuscritos de seus textos mostra a preocupação na elaboração e reescrita no processo criativo. Ao investigar esses manuscritos, Kurz (2020) percebe a necessidade de equilíbrio na leitura, pois através do estudo desse material é possível identificar o percurso constitutivo de sua ficção:

Desde Francisco de Assis Barbosa, seu primeiro biógrafo e responsável por organizar seu legado material, são poucos os estudos que inserem na equação o trabalho exaustivo do escritor carioca sobre o texto, cujos manuscritos tornam evidente —

---

<sup>36</sup> KURZ, Giovani Tridapalli. *Ler os manuscritos de Lima Barreto*. Manuscrita. Revista de Crítica Genética, n. 40, p. 113, 2020.

<sup>37</sup>SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto - Triste visionário*. Companhia das Letras, 2017.

<sup>38</sup>NEGREIROS, Carmem Lúcia. op. cit. Disponível em:

<https://suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/72-resenha/1906-tens%C3%B5es-entre-vida-e-obra-nas-biografias-de-lima-barreto.html>. Acesso em: 05 abr. 2021.

sempre rasurados, reescritos, em que são frequentes refundições das mais sutis às mais radicais.<sup>39</sup>

O exaustivo trabalho de reelaboração do escritor, permite traçar outras interpretações sobre *O Cemitério dos Vivos*, para além de uma leitura colada ao *Diário do Hospício*. Dessa maneira, retomando a pergunta anteriormente posta, diante da relação simbiótica do biográfico com o fictício, podemos elaborar leituras e análises do romance de modo que, centraliza-se as práticas discursivas de sua escrita.

A recepção crítica da obra é carente de pesquisas que investigam o caráter ficcional que a obra possui, portanto, o presente estudo tem a intenção em pôr luz ao aspecto de elaboração. Em linhas gerais, está-se diante de um romance que narra a construção de um romance e tal aspecto não deve ser sobreposto. A fim de tentar compreender quais mecanismos o autor se apropriou para estruturar a narrativa, pretende-se refletir em como se apresenta na obra os tensionamentos do ficcional e do biográfico, porém, principalmente, investigar a tessitura textual e os diálogos que tecem com a sociedade e com seu projeto literário.

---

<sup>39</sup> KURZ, Giovanni Tridapalli. op. cit. p. 112.

## Capítulo 3

### 3. O Cemitério dos Vivos: um romance

Partindo da reflexão em torno da recepção crítica da obra de Lima Barreto pode-se afirmar que existe uma tendência na aproximação entre a ficção e o biografismo. No entanto, é necessária uma ampliação dessa mirada para o romance, que a própria contemporaneidade parece sugerir. Ler atualmente a obra de Lima Barreto “implica a necessidade de equilíbrio entre diferentes extremos, que durante décadas polarizaram sua recepção”,<sup>40</sup> sendo fundamental ler o romance assim como se apresenta, a fim de ampliar as visões sobre o livro. No caso do *O Cemitério dos Vivos*, o teor testemunhal é ampliado devido ao trabalho de edição na grande maioria dos casos ser apresentado juntamente com o *Diário do Hospício*.

O equilíbrio que Kurz menciona, refere-se a pelo menos dois caminhos possíveis trilhados na obra barretiana: o texto e a vida, ou indo mais direto ao ponto, a criação e a vivência, compreendendo minimamente a necessidade de coexistência. Um fato curioso, relevante para refletir a respeito da obra, trata-se da reedição do livro pela Editora Planeta.<sup>41</sup> Numa resenha referente a edição, o colunista Luiz Fernando Vianna tece as seguintes considerações:

É praticamente impossível medir a importância desse romance inacabado e do "Diário do Hospício", que se edita sempre com ele, sem informações sobre a feitura deles e sobre a vida de Lima. Mas essas informações rareiam na nova edição. Para começar, não há qualquer menção a Francisco de Assis Barbosa. Além de ser biógrafo do escritor, foi Barbosa quem descobriu todos os seus manuscritos na casa onde Lima viveu com a irmã. Foi ele quem cuidou da primeira edição de "O Cemitério dos Vivos", em 1953. O organizador Diogo de

---

<sup>40</sup> KURZ, Giovanni T Tridapalli. op. cit. p. 120, 2020.

<sup>41</sup> BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos: memória/ Lima Barreto*. São Paulo: Editora Planeta; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

Hollanda indica que preferiu ignorar o trabalho de Barbosa e ir aos manuscritos, que estão na Biblioteca Nacional. Uma opção hercúlea, porque a letra de Lima é de difícil leitura. E uma opção que cria constrangimentos e omissões.<sup>42</sup>

O jornalista destaca dois pontos no texto: a escassez de informações a respeito da vida de Lima Barreto e a ausência de menção ao biógrafo Francisco de Assis Barbosa. Ambos aspectos se relacionam diretamente ao teor testemunhal da obra, e não se trata em trilhar caminhos opostos e impermeáveis entre a vida e a ficção, muito menos hierárquicos. No entanto, a crítica do jornalista torna-se interessante, já que, o contrário - dos manuscritos sobrepostos a outros tipos de documentos e informações - raramente foi posto de maneira contundente e recorre a uma necessidade posta como trivial da presença de paratextos para a compreensão integral do romance.

A presença ou ausência dessas informações nas edições, não é objetivo em coloca-las em discussão no presente texto, mas sim, em como determinada postura crítica evidencia a atribuição biográfica aos escritos de Lima Barreto. Sendo muitas vezes a porta de entrada (não raras, como porta única) para a leitura e recepção da obra do escritor. Posto isto, o romance *O Cemitério dos Vivos* está inserido nessa fricção que abarca a obra literária do escritor e cabe aqui pensar, os tensionamentos provocados em torno das diferentes perspectivas.

A obra é estruturada em cinco capítulos, sendo o último inconcluso por conta do falecimento do autor. Determinado aspecto gera uma dificuldade no que cabe a interpretação e análise inerente da complexidade de sua natureza inacabada. Ao conhecer o enredo da obra, é introduzida uma temática de importância central na narrativa, que é o papel que a criação literária ocupa no livro. A história em linhas gerais, narrada por Vicente Mascarenhas entrecruza a relação matrimonial do narrador com a experiência manicomial, e dentre esses dois aspectos o desenvolvimento intelectual da personagem.

Contudo, quando se acessa previamente o enredo é comum ser apresentada como uma história da experiência da personagem no Hospital de Alienados e como tal acontecimento desencadeia por exemplo a escrita de um livro. Desse modo, instaura-se uma perspectiva diante da obra e que, cabe levantar duas questões importantes nessa postura de leitura. Seria (i) a internação de Vicente Mascarenhas a matéria motriz para

---

<sup>42</sup> Para a resenha completa, confira VIANNA, Luiz Fernando. Folha de S. Paulo. Ilustrada. São Paulo. 22 de janeiro de 2005.

desenvolver a história ou seria (ii) o desenvolvimento de suas criações literárias atravessadas pela experiência de interinação?

Diante de tais questionamentos, a presente análise parte da problematização de um tipo de leitura que se fez sobre a obra de Lima Barreto, inferindo a leitura e análise de *O Cemitério dos Vivos* num lugar delimitado. Isso se evidencia em como a primeira perspectiva de leitura se sobressai nos estudos críticos, e que, diante das primeiras frases da obra ou mesmo no próprio enredo, toma-se o conhecimento que se trata de um romance que narra a história do desenvolvimento de um livro, e tal aspecto é ofuscado e não obtém a devida atenção analítica. Partindo dessa compreensão, busca-se entender o espaço que a criação literária ocupa como tema e de que maneira se relaciona com outras questões levantadas ao longo da narrativa.

### **“Vicente, você deve desenvolver aquela história...”: a criação literária no romance**

Quando minha mulher morreu, as últimas palavras que dela ouvi, foram estas, ditas em voz cava e sumida:

- Vicente, você deve desenvolver aquela história da rapariga, num livro.<sup>43</sup>

Estas são as primeiras frases do livro, a partir da lembrança da morte de Efigênia, o narrador retoma um desejo da esposa que era a dele dar prosseguimento em uma de suas histórias; a voz ressoa não somente como uma vontade, mas, principalmente como um dever a ser cumprido. Logo em seguida, Efigênia é descrita a partir do estado de doença que se encontra:

Nos seus últimos momentos, o seu olhar de moribunda tinha uma doce e transcendente expressão de piedade. Era como se dissesse: “Vou morrer! Que pena! Vou deixá-lo só por esse mundo afora”.

Para o filho, que andava próximo dos quatro anos, não lobriguei nos seus olhos tão profunda manifestação de comiseração. Parecia-lhe, certamente, que ele seria mais feliz do que eu.<sup>44</sup>

Toma-se conhecimento de características atribuídas para Efigênia, porventura, tal descrição aproxima de uma relação predominantemente maternal do que matrimonial, o que narrador vem a afirmar logo em seguida: “e o sentimento da dor que se lhe estampava no olhar místico, por me deixar no mundo, dor que não era bem de

<sup>43</sup> BARRETO, Lima. *Diário do hospício & O cemitério dos vivos*. Editora Companhia das Letras, 2017. p. 117.

<sup>44</sup> *Ibidem*.

mulher, mas de mãe amantíssima”.<sup>45</sup> Sobre o filho, estabelece uma relação de comparação nesse primeiro momento, colocando-se num lugar de maior amargura, principalmente pela impossibilidade em vislumbrar um futuro ameno. Os apontamentos diante da lembrança do entorno do falecimento da esposa são sintomáticos pois Vicente realça o lugar do remorso que se encontra e a constante melancolia que desdobra em seus dramas emocionais.

Cabe brevemente apontar a história da relação de Vicente e Efigênia para a compreensão do alheamento que o narrador sente sobre o relacionamento. Trata-se de um casamento que se deu por seu consentimento, mas que o próprio não entende como chegou até tal situação. Vivendo na pensão de Dona Clementina, mãe de Efigênia, entre os afazeres do trabalho e dos estudos, inicia interações intelectuais com a moça, empréstimos e conversas sobre livros, sempre pontuado pelo contínuo desconforto. As interações tomam maiores proporções quando a dona da pensão adoece e mãe e filha precisam se afastar do trabalho e mudar para uma região mais afastada do centro. Numa visita de Vicente, Efigênia o pede em casamento, Clementina no leito da cama reafirma sua vontade e Vicente reage da seguinte maneira:

- Mas, minha senhora – animei-me -, sou apanhado assim de supetão... A senhora não me conhece bem... Sou cheio de defeitos, de caprichos... Não vá se arrepender... Não sei como cheguei até aí. Fosse arrastado pela fatalidade da palavra ou determinado por outra qualquer força, o certo é que pronunciei aquele meio “consinto” – “não vá se arrepender”.<sup>46</sup>

O fragmento aparece no final da primeira parte e durante todo o capítulo não é mencionada sua entrada e experiência no hospício, o que reserva para o início da narrativa uma espécie de “missão”, que é a de explicar os percalços ocorridos até a situação em que se encontra, principalmente ao que se relaciona ao casamento. Não por acaso, o narrador está num tempo presente e os fatos que narram tratam-se de recordações. No entanto, o estado em que se encontra esse narrador é tomado por remorso e tristeza e tal acometimento, fica evidente na própria estrutura da obra, em que, no primeiro capítulo existe uma impossibilidade em Vicente conseguir se expressar ou se fazer compreensível.

Ao trazer à tona o desejo de Efigênia em dar prosseguimento na “história da rapariga” – passagem retomada com frequência nessa primeira parte – como início da narrativa, pode-se lançar uma hipótese que a dificuldade em dar sequência a essa

---

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> Idem, p. 142.

criação literária, também deriva do constante remorso. Como narrar diante de um estado de arrependimento e pela sensação de decadência? Tais sentimentos são expressados na passagem:

Escrevendo estas linhas hoje e percorrendo na lembrança toda a minha vida passada, causa-me assombro de que, em face de todos esses episódios, a minha atitude fosse de completo alheamento. Mais do que os grandes acontecimentos, na nossa vida, são os mínimos que decidem o nosso destino; e esses pequenos fatos encadeados, aparentemente insignificantes, vieram influir na minha existência, para a satisfação e para o desgosto.<sup>47</sup>

Tomando o remorso como inerente de sua atual condição, o exercício da criação literária propicia para Vicente Mascarenhas revisitar e refletir acerca de ações passadas. Trata-se de uma relação um tanto quanto paradoxal, pois, ao escrever retoma lembranças assombrosas e justamente por suscitar estas memórias não consegue ir adiante com a narrativa, esta, não se refere somente a “história da rapariga”, mas sim, ao romance que pretende desenvolver, como mostrado na passagem: “como verão no decorrer destas páginas, que são mais de uma simples obra literária, mas uma confissão que se quer exteriorizar, para ser eficaz e salutar o arrependimento que ela manifesta.”<sup>48</sup>

Dada a dificuldade em narrar, de uma maneira ou de outra a história continua e o truncamento dessa narração pode-se ser interpretado como um dos temas que tecem a narrativa. Não por acaso o narrador utiliza de um discurso metalinguístico como se percebe no trecho mencionado anteriormente “escrevendo estas linhas (...)” propondo um exercício de reflexão no ato do labor literário. Em outras passagens é possível notar que a utilização da metalinguagem desempenha a função de estabelecer uma comunicação com o leitor, como aparece ainda no primeiro capítulo, após Vicente retomar a frase inicialmente proferida pela esposa, que desencadeia em um breve diálogo em que Efigênia questiona o motivo em não ter desenvolvido a história.

— Por que você não descreveu mais o amor da rapariga?  
 — Por que você pergunta isto? fiz eu.  
 — Ora, porquê! Porque ficava mais bonito...  
 — Tive vergonha. Ela dardejou sobre mim o seu olhar de malícia, em que não havia o menor sinal de raiva, mas só esforço de penetração, e inquiriu:  
 — Vergonha de quê?  
 — Não sei.  
 Disse isso, vexamos e nos calamos, como não precisando mais de palavras para nos entendermos.

<sup>47</sup> Idem, p. 132.

<sup>48</sup> Idem, p 133.

Tenho me alongado em detalhes que parecem não ter interesse algum para o meu primitivo objetivo; mas espero que, quem tiver a paciência de me ler, há de achá-los necessários para a boa compreensão desta história de uma vida sacudida por angústias íntimas e dores silenciosas.<sup>49</sup>

O narrador traz nesse último parágrafo a pressuposição de uma suposta interação com um público leitor, aparecendo também de maneira mais objetiva no começo do primeiro capítulo: “(...) A minha história do casamento é singular. Vou narrá-la (...)”.<sup>50</sup> Essa tomada de posição é fundamental para compreender o romance, pois trata-se de uma característica predominante na obra de Lima Barreto, em que privilegia a inteligibilidade e a coloquialidade da prosa. A presença desse leitor, o qual Vicente se direciona em sua narração, vai em direção ao projeto literário de Lima Barreto, como ensina Freire (1982) ao investigar a concepção de literatura formulado pelo autor:

Esta concepção de literatura, que Lima Barreto formula e mantém como princípio orientador da sua escrita, está diretamente ligada à sua visão crítica sobre a sociedade e, dentro desta, a linguagem, que ele não compreendia como uma estrutura neutra com a função de mero “instrumento de comunicação”, mas como elemento dinâmico da vida dos homens e sujeita, pois, às injunções criadas pelas relações político-ideológicas que se estabelecem na sociedade.<sup>51</sup>

Dessa maneira, a comunicação que Vicente estabelece com um possível público não deriva somente da intenção em se fazer compreensível. A partir de uma perspectiva que toma como base o projeto de escrita do autor, pode-se notar que tais traços possuem a intenção em marcar na linguagem um posicionamento ideológico de maneira explícita ou implícita.

Na segunda parte da obra é introduzida a experiência manicomial, enfatizando-se principalmente a maneira como sucedeu a internação e a chegada ao pavilhão, através de agentes policiais agindo de maneira classista e racista:

A polícia, não sei como e porquê, adquiriu a mania das generalizações, e as mais infantis. Suspeita de todo o sujeito estrangeiro com nome arrevesado, assim os russos, polacos, romaios são para ela forçosamente cáftens; todo o cidadão de cor há de ser por força um malandro; e todos os loucos hão de ser por força furiosos e só transportáveis em carros blindados.<sup>52</sup>

---

<sup>49</sup> Idem, p 136.

<sup>50</sup> Idem, p. 119

<sup>51</sup> FREIRE, Manoel. *A retórica do oprimido: sobre a idéia de literatura militante em Lima Barreto*. Travessias, v. 2, n. 1, 1982.

<sup>52</sup> BARRETO, Lima. op. cit. p. 143-144.

São passagens como essa em que são marcadas na linguagem um posicionamento crítico, utilizando principalmente de recursos como a ironia e o sarcasmo. Fica evidente as críticas sociais que o autor faz a partir dos movimentos narrativos, e neste caso, a maneira como as questões psiquiátricas eram compreendidas e tratadas no início do século XX. Para Prado (1980) a literatura de Lima Barreto trata-se de um “exercício de consciência histórica”<sup>53</sup> e que partir dessa mirada, compreende-se a dimensão sócio-histórica de seu projeto literário. Entender esse aspecto é relevante para a leitura *O Cemitério dos Vivos*, pois tal posicionamento do autor em vislumbrar nas letras um potencial emancipatório, faz com que o autor tenha a consciência dos riscos que corre em não compactuar com o beletrismo da época. Em um célebre texto,<sup>54</sup> Lima Barreto discute a maneira como compreende a literatura e seus efeitos:

A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para a conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade.<sup>55</sup>

Partindo da concepção de literatura como comunicação, é sintomático que no romance o tema da criação literária aparece não apenas como enredo, mas também por outras questões derivadas do ato do labor literário que aparecem no segundo capítulo. Ao longo dessa parte, o narrador relembra quando começou a construir o livro e tentar uma publicação, e que, para além da dificuldade em escrever, surgem problemas de outras ordens que para Vicente se tornam uma questão, sendo elas: a escolha de um gênero para desenvolver e como se manter nos espaços de legitimação do literário.

Utilizando de um contínuo fluxo de consciência, Vicente Mascarenhas a partir da interação com alguns dos internatos medita sobre a vida e suas decisões, principalmente ao que se refere a relação matrimonial, o que desencadeia reflexões sobre os primeiros passos como escritor, escrevendo artigos para a revista *Gatimanhas* por intermédio de Chagas, um colega de curso. Justamente por essa inserção, o narrador parece se distanciar da ideia em desenvolver um livro, e para Efigênia, tratava-se de um comportamento acomodado. Ainda que Vicente não compreendesse o interesse da esposa pela sua literatura, cede aos conselhos e começa a pensar num

---

<sup>53</sup> PRADO, Antonio Arnoni. *Literatura comentada: Lima Barreto*. São Paulo. Abril Educação, 1980. p. 3.

<sup>54</sup> Refere-se ao texto “O destino da literatura”. Inicialmente tratava-se de uma conferência que não chegou a ser apresentada. Futuramente foi publicada em diversas coletâneas que reunia textos críticos do autor.

<sup>55</sup> BARRETO, Lima. *Impressões de leitura: crítica*. Vol. XIII. São Paulo: Brasiliense, 1956. P. 190-191.

gênero para desenvolver, o que mobiliza questionamentos sobre a relação entre o romance e a literatura brasileira naquele período:

Pensei em diversas formas, procurei modelos, mas me veio, ao fim dessas cogitações toda a convicção de que o romance ou a novela seria o gênero literário mais próprio, mais acessível a exprimir o que eu pensava e atrair leitores, amigos e inimigos. Mas o romance, como a canônica literária do Rio ou do Brasil tinha estabelecido, não me parecia próprio. Seria obra muito fria, teria de tratar de um caso amoroso, ou haver nele alguma coisa de parecido com isso.<sup>56</sup>

São contundentes as considerações a respeito do cenário literário no país, que aparecem em outras passagens da narrativa em que o narrador se opõe aos modos como a arte estava sendo tratada no que se refere a produção e circulação. A melancolia que toma a aura de Vicente, pode-se pensar que advém por estar inserido em uma realidade segregacionista que vislumbra no fazer artístico somente aspectos utilitários e valores estéticos, que o narrador tanto abomina. Portanto, não se trata meramente para Vicente desenvolver uma história, mas sim, em como tal ação gera questionamentos profundos sobre as estruturas sociais em torno do literário nas primeiras décadas do século XX.

Nessa mesma direção, Nicolau Sevcenko (2003) num importante estudo sobre as tensões sociais enfrentadas por Lima Barreto nesse período, reflete a respeito da atuação como intelectual do autor num período de marcas escravocratas ainda profundamente latentes. Em determinada passagem, problematiza a homogeneização da produção literária como efeito do projeto burguês, que tinha a *belle époque* como modelo ideal e universal:

A homogeneização das consciências pelo padrão burguês universal da *Belle Époque* deu o remate final do processo de estiolamento da literatura a que assistia então. Daí parecerem-se todos os romances uns com os outros e tomar a época neste ponto uma cansativa e pesada feição uniforme. A literatura se tornou um espaço cultural facilmente identificável por um repertório limite de clichês que só mudam na ordem e no arranjo com que aparecem. O próprio público e a crítica acabam criando uma expectativa do lugar-comum e da mesmice para identificar a natureza literária de um texto.<sup>57</sup>

Distante estava Lima Barreto desse caráter homogêneo de uma literatura fechada em si, na busca da arte pela arte ou da representação de um ideal tão distante da terra que pisava, da gente que olhava. Não por acaso, a homogeneização a qual a literatura

<sup>56</sup> BARRETO, Lima. op. cit. p. 156.

<sup>57</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão—tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia das Letras, 2003. p. 115.

passava, aparece nas considerações de Vicente Mascarenhas como uma grande questão a ser problematizada e enfrentada. A crítica incorporada em *O Cemitério dos Vivos*, dessa maneira estabelece diálogo com outras obras de Lima Barreto na comunhão de temas, o que faz do romance coerente em sua construção temática e estrutural dentro do projeto barretiano.

A escrita do livro desencadeia em Vicente reflexões a respeito da construção da obra no período que a escreve, e ademais, como se manter nos espaços de legitimação do literário depois do livro publicado. Nesse sentido, o tema da criação literária vai para além do ato do labor literário e por meio das dificuldades e inseguranças do narrador, conjectura um importante parâmetro dos modos de produção e circulação do literário. No segundo capítulo, quando Vicente relembra as insistências de Efigênia para não abandonar a obra e publica-la, e que, mesmo depois de pronto o livro, o narrador se mostra não esperançoso em relação a publicação, advindo o caráter de “cartas marcadas” que o cenário literário funcionava:

A intervenção dela, porém, não foi em vão. Terminei a obra e, apesar de antemão saber que não arranjaría editor, procurei um, dois, três. Todos eles me diziam: “O senhor já mostrou a F.?” “Não”, dizia eu. “Deve mostrar”, objetavam; e restituíam-me o manuscrito intacto. Não conhecia nem fulano, nem beltrano, e desconfiava que eles não gostassem da minha literatura, das minhas poucas opiniões existentes no livro, na forma da narração e, sobretudo, a timidez junto ao orgulho impediam-me de pedir lhes opinião.<sup>58</sup>

Essas passagens denotam um olhar de tristeza e decepção para com o projeto de república e ainda que esteja num estado melancólico, Vicente Mascarenhas de certo modo, cumpre um estado não inerte no ato de refletir e se posicionar na construção de sua obra, não cedendo e contrariando a norma vigente. Ao terminar a leitura do segundo capítulo o questionamento que fica através da voz do narrador é: como entrar e se manter no círculo literário no Brasil da *belle époque*?

“O meu consolo era meu livro”<sup>59</sup>, o fragmento parece condizer com o questionamento. Não cedendo aos mecanismos de inserção desse círculo, a personagem enquanto escritor tem a consciência dos riscos que corre tomando tal atitude, e para

---

<sup>58</sup> BARRETO, Lima. op. cit. p. 159.

<sup>59</sup> Idem, p. 160.

além dos problemas familiares enfrentados, lidar contundentemente e de maneira ativa rejeitando esse cenário postizo, provoca naquele que escreve um estado de adoecimento.

Diante de tal condição, o estado psicológico de Vicente, tomado por tristeza e constante auto punição, intensifica-se na medida que reflete sobre a atual condição de internato e os caminhos que lhe trouxeram até tal situação. No terceiro capítulo, o narrador ao pensar sua relação com Efigênia, conclui que será difícil a criação de novas obras:

Vinha-me um desespero íntimo, um aborrecimento de mim mesmo, um sinal da evidência da minha incapacidade para qualquer obra maior, pois — raciocinava eu — quem teve um ente humano a seu lado, com ele viveu na mais total intimidade em que dois entes humanos podem viver, não o compreendeu, não pode absolutamente compreender mais coisa alguma. E eu atirava meus livros para o lado, e eu me punha a beber, e eu não tratava do meu, e eu me queria anular, ficar um desclassificado, uma bola de lama aos pontapés dos polícias...<sup>60</sup>

O desespero que implica na dificuldade de criação é um sentimento recorrente neste capítulo que cumpre em sua maior parte a descrição das interações com os outros internatos e a descrição da Seção Pinel, um dos espaços mais hostis do hospício. Embora reafirme a condição de inércia, Vicente também encontra na experiência manicomial, diante das constantes reflexões sobre a vida e as relações humanas, como motivadora para o exercício literário. A partir da observação dos internatos, o narrador revela:

O hospício me retemperava. Lembrava-me do plano de minha obra, dos grandes trabalhos que ela demandava, dos estudos que pedia; e, de mim para mim, eu me prometia levá-la a cabo, empregando todos os argumentos, tirando-os de toda à parte, não só os lógicos, como os sentimentais; havia de escrevê-la, empregando todos os recursos da dialética e da arte de escrever.<sup>61</sup>

A essa constatação, pode-se observar que Vicente Mascarenhas comporta-se como uma personagem que apresenta uma dualidade e até certa contradição quando analisada pela função que a experiência como internato representa em sua vivência. As vezes se portando como melancólica e frustrante, desencadeando uma completa falta de perspectiva, principalmente ao que se refere na trajetória como escritor. Por outras, como um espaço que “retempera” os planos sobre sua obra e os estudos. Sob esse

---

<sup>60</sup> Idem, p. 166.

<sup>61</sup> Ibidem.

aspecto, a composição desse narrador-personagem dialoga com a complexidade que o romance sofreu ao longo do século XVII, como ensina Antonio Candido:

A revolução sofrida pelo romance no século XVIII consistiu numa passagem do enredo complicado com personagem simples, para o enredo simples (coerente, uno) com personagem complicada. O senso da complexidade da personagem, ligado ao da simplificação dos incidentes da narrativa e à unidade relativa de ação, marca o romance moderno, cujo ápice, a este respeito, foi o *Ulysses*, de James Joyce, — ao mesmo tempo sinal duma subversão do gênero.<sup>62</sup>

No que se refere ao romance de Lima Barreto, a passagem de Antonio Candido contribui para formular a complexidade dada ao narrador-moderno presentificada na obra. Nota-se que no romance é predominante a investigação da complexidade do ser através de um narrador que não pretende se autoanalisar, mas sim, desnudar as complexas e contraditórias camadas de sua existência. Curioso em como esse aspecto dialoga com o tratamento literário de autores como Dostoievski, cujo é referenciado em *O Cemitério dos Vivos* num trecho em que Vicente Mascarenhas discorre sobre um banho de sol no pátio:

Voltei para o pátio. Que coisa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoievski, na Casa dos Mortos. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoievski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria. Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela.<sup>63</sup>

Não por acaso Vicente Mascarenhas faz citação ao autor, de certo modo, há uma intenção nessa aproximação, revelando uma identificação ao tratamento da condição humana e a focalização psicológica, configurando-se como aspectos estéticos do texto. Posto isto, dentro de certo “limbo” do que se compreendeu como pré-modernismo<sup>64</sup>,

<sup>62</sup> CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 58.

<sup>63</sup> BARRETO, Lima. op. cit. p. 147.

<sup>64</sup> Para Almeida Leite (1996) o termo “pré-modernismo” ainda é divergente entre a crítica, pois dentre tantas outras razões, abriga uma extensa produção que se distingue tanto em temática quanto em estrutura. Percorre desde “a literatura mundana superficial, abarcando a estética *neo* parnasiana, simbolista e romântica e também a presença de uma vertente nacional-localista”. Indo numa outra direção, encontra-se a produção satírica, crítica e militante, em que a crítica assentou a obra de Lima Barreto.

Lima Barreto vai além de expressões como a satírica e militante e investe em se aprofundar na alma humana, sendo *O Cemitério dos Vivos* um dos maiores exemplos dessa versatilidade.

O comportamento meditativo do narrador prossegue no quarto capítulo, momento importante da narrativa em que a personagem passa a frequentar a biblioteca do hospício e a descrever o espaço e o acervo. O ambiente surge como um alívio diante das confusões cotidianas, e para além do silêncio que buscava, estar próximo das obras e lê-las, era, portanto, um aspecto fundamental no desenvolvimento de sua obra futura. Relembrando a primeira vez que esteve internado, Vicente discorre em como o espaço sofreu mudanças, principalmente na disponibilidade de títulos:

A biblioteca era a dependência da seção de que mais me recordava. Quando estive lá pela primeira vez, enchia o tempo lá, lendo. Havia um razoável número de livros, mas, além dos muitos dilacerados, havia obras desfalcadas nos seus volumes. Logo ao entrar, depois de mudar de roupa, tratei de me instalar nela. Tinha mudado de local; era agora logo na entrada, quando antigamente era no fundo. Fui vê-la. Estava pobríssima, não havia mais o Vapereau, dicionário de literatura, tão interessante; não havia mais uns volumes de Dostoiévski, nenhum deles escapara; os segundos românticos nacionais tinham desaparecido; e, dos primeiros, só restava um volume de Gonçalves Dias.<sup>65</sup>

Ao comentar sobre os títulos encontrados no acervo, que, se não lhe servem como inspiração, ao menos demonstram conhecimento e familiaridade com o acervo e sua postura como crítico literário. O exercício do labor literário, implica na necessidade de leitura e reflexão, como transparece na visão que Vicente Mascarenhas tem sobre a literatura. E o hospício, ainda que se configure como uma experiência de isolamento, demonstra ser um ambiente em que raramente é possível estar a sós. Determinado aspecto, acarreta em constantes chateações do narrador, na procura em vão por recolhimento.

Um dos horrores de qualquer reclusão é nunca se poder estar só. No meio daquela multidão, há sempre um que nos vem falar isto ou aquilo. No hospício, eu resenti esse incômodo que só pode ser compreendido por quem já se viu recolhido a qualquer prisão; lá, porém, é pior do que em outra qualquer, sobretudo quando se está perfeitamente lúcido, como eu estava, e não pode, por piedade, tratar com mau humor os outros companheiros, que são doentes.<sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> BARRETO, Lima. op. cit. p. 179.

<sup>66</sup> Idem, p. 187.

Percebe-se que Vicente apresenta uma consciência sobre seu estado de saúde psíquico, e o comportamento benevolente com os funcionários e os internos vão em direção a certa piedade que sente em relação a eles. A necessidade em estar só também aparece no quinto e último capítulo, parte em que o narrador tecerá considerações a respeito dos médicos e também da mudança da Seção Pinel para a Seção Cameil.

Curioso notar que essa busca e apreciação pela solidão é a última passagem da obra, que se deu inconclusa devido o falecimento do autor. Diante de uma breve discussão entre dois pacientes, Azevedo e Alves, Vicente Mascarenhas acaba por ficar sozinho após cada um seguir seu rumo. A imagem da personagem, no vão na janela, paira em uma atmosfera, que dentre tantas possibilidades de leitura, realoca o narrador numa posição de meditação:

Os dois continuaram a alterar dessa maneira, e eu não via saída alguma para harmonizá-los. Parecia-me que a coisa ia acabar em briga, em pugilato; mas tal não se deu. Repentinamente Alves se foi para um canto, e aquele a quem ele tratara de Azevedo se foi para outro. Fiquei eu só no vão da janela.<sup>67</sup>

Sendo essa imagem a última que aparece na obra, não cabe analisá-la como a conclusão da narrativa, até porque tem-se o conhecimento que se trata de um livro inacabado. Desse modo, o que possivelmente tem-se adiante não é matéria de interesse, e a imagem de Vicente sozinho em um vão de janela, leva-a pensar nessa paisagem que o próprio olhava: uma paisagem desconhecida, aberta e misteriosa, como a vida se mostra.

O que se pode observar é a que a presença da temática da criação literária configura-se como um fio condutor da narrativa, se complexificando ao longo do romance. Dentre tantas possibilidades de leitura é possível compreender que o desenvolvimento de Vicente Mascarenhas como intelectual é atravessado por adversidades domésticas, o que provoca na própria narrativa a constante necessidade de se fazer compreensível por meio de um narrador que direciona seu discurso a um público. Entretanto, para além das questões matrimoniais, a personagem enfrenta dificuldades dada dos espaços de legitimação do literário, ajudando a pensar esse momento da cultura brasileira.

---

<sup>67</sup> BARRETO, Lima. op. cit. p. 198.

## Considerações finais

Ao longo da investigação sobre *O Cemitério dos Vivos*, inicialmente percebe-se uma aproximação analítica entre acontecimentos biográficos e a elaboração ficcional, principalmente no que diz respeito a experiência manicomial, seja pelas informações paratextuais, pela edição conjunta com o *Diário do Hospício* que refletem na produção de sua crítica. Importante salientar que esse movimento é uma das possíveis leituras que pode ser feita sobre a obra, no entanto, são carentes leituras para além dessa perspectiva, acabando por enrijecer o romance num espaço bastante delimitado.

Diante da leitura da obra, nota-se a presença da temática da criação literária como norteadora da narrativa e tal aspecto ainda é marginalizado na fortuna crítica, ainda que nos últimos anos tenha ocorrido uma considerável mudança de perspectiva em torno da obra de Lima Barreto. Ao estudar os manuscritos do autor, Gustavo Kurz (2020) enfatiza a elaboração ficcional do escritor e questiona a cristalização dada para a obra barretiana:

Tais retornos aos referenciais biográficos do escritor como instrumento de “resolução” de questões literárias são bastante frequentes, assim como aparecem recorrentemente enquanto instrumentos documentais do Rio de Janeiro do começo do século XX. Há pouca — quando há! — menção à construção ficcional em Lima Barreto, senão referências constantes a uma possível projeção de sua biografia no texto literário.<sup>68</sup>

Essa projeção para o pesquisador, advém de trabalhos inaugurais que careciam de margens dado seu tempo histórico, outras, por convicção metodológica. No entanto, frente aos tensionamentos existentes, buscou-se a conciliação dessas perspectivas, para uma análise que seja condizente com a complexidade exigida.

Num primeiro momento, mais que pensar sobre os contornos que a temática da criação literária toma ao longo da obra, houve a necessidade em contextualizar tal questão, compreendendo os aspectos históricos e sociais que circundam o labor literário. Para tanto, os ensinamentos de Nicolau Sevcenko (2003) foram importantes para refletir a crítica existente de Lima Barreto ao momento histórico da *belle époque*, principalmente no que se refere ao tratamento dado a cultura, tomada pelo beletrismo e pelo elitismo, e que, portanto, marginalizavam quaisquer outras expressões.

---

<sup>68</sup> KURZ, Gustavo Tripadelli. op. cit. 115.

Assim, a criação literária se assenta em um território de desilusão, ao mesmo tempo que é tratada no livro como possibilidade em dignificar a imagem de Vicente diante da esposa falecida e sobretudo, como expressão de um intelectual negro e suburbano. Opondo-se veemente a esse cenário hegemônico da cultura, o autor traça em sua linguagem características que serão centrais em sua obra, como a caricatura e a ironia, escolhas formais e estéticas em oposição a esse tratamento.

*O Cemitério dos Vivos* trata-se de um dos exemplos mais contundentes dessa formalização, pois é um romance que narra a construção de uma obra. Do ponto de vista temático incorpora essa intertextualidade, criando questionamentos que derivam do labor literário, como por exemplo, como desenvolver um romance tal como o gênero vem sendo abordado na produção literária da *belle époque*, e como se manter nos espaços de legitimação do literário. A escrita desse livro em desenvolvimento é atravessada por essas problemáticas levantadas pelo narrador, e que se relacionam diretamente com o ponto de vista histórico, jogando luzes sobre o elitismo presente nas letras.

Ainda sobre o aspecto estético da obra, pode-se notar que ocorre um aprofundamento no aspecto psicológico de Vicente Mascarenhas. Advindo dessa escolha, a narrativa se configura de maneira não linear na disposição dos acontecimentos, assim como na constante contradição da personagem e pelas reflexões postas ao longo do texto a respeito de sua condição, que é a condição humana, de sentimentos como o remorso, a melancolia e a frustração. Mesmo que seja presente esse elemento universal da obra é inegável em como características específicas da personagem interferem diretamente na sua experiência como cidadão, como escritor e futuramente como internado. Dessa maneira, a obra tece importantes críticas as práticas eugenistas e higienistas tão presente nessa passagem dos séculos.

Essas críticas e a narração de maneira geral são tomadas por um forte tom melancólico, sendo um dos aspectos mais marcantes da obra, aproximando o romance com a literatura produzida por autores como Dostoievski. Não pelo mero fato do escritor russo ser citado algumas vezes ao longo da obra, mas pelo aspecto estético que incorpora a dimensão filosófica.

Embora não fosse o foco dessa pesquisa, o entendimento desse aspecto foi de suma importância para entender que a filosofia existente nas proposições de Vicente

Mascarenhas, não se configura como uma exposição de determinada filosofia pela voz de determinada personagem, mas sim, em visualizar a dimensão filosófica como parte integral da obra, e, portanto, não funcionando como simples exposição de pensamentos filosóficos, mas sim como estética.<sup>69</sup> Justamente a intenção estética que se encontra nessa referência que interessa para entender os mecanismos utilizados pelo autor na construção do romance.

Compreendendo os procedimentos estéticos utilizados pelo autor, nota-se a complexidade que o tema toma ao longo do texto. Ao escrever um romance que narra a escrita de um romance, Lima Barreto constrói uma narrativa que permite refletir sobre o labor literário por meio de uma crítica contundente da dificuldade em se inserir no meio literário, que é construído através de estruturas excludentes. Dessa maneira, estabelece uma discussão sobre o papel que a literatura e também a leitura ocupa na obra, ecoando de espaços que lhe foram negados.

---

<sup>69</sup> NUTO, João Vianney Cavalcanti. Dostoiévski e Bakhtin: a filosofia da composição e a composição da filosofia. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 6, n. 1, p. 129-142, 2011.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA LEITE, Sylvia Helena Telarolli de. *Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: A caricatura na literatura paulista, 1900-1920*. Unesp, 1996.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2003.

BARRETO, Lima. *Correspondência*. São Paulo: Brasiliense, 1956. t. 2., 1961.

\_\_\_\_\_. *Diário do hospício & O cemitério dos vivos*. Editora Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. *Impressões de leitura: crítica*. Vol. XIII. São Paulo: Brasiliense, 1956. P. 190-191.

BOSI, Alfredo. O cemitério dos vivos. Testemunho e ficção. *Literatura e Sociedade*, v. 12, n. 10, p. 13-25, 2007.

BOTELHO, Denilson. *Floreal e o Jornalismo no tempo de Lima Barreto*. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB, Brasília, 2006.

CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. *Crítica e Sociologia*. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro. 2010.

CARNEIRO, Daniel Machado Vivacqua. *Entre mágoas e sonhos do povo: Lima Barreto e o folclore urbano*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos – SP. 175p. 2019.

FREIRE, Manoel. *A retórica do oprimido: sobre a idéia de literatura militante em Lima Barreto*. Travessias, v. 2, n. 1, 1982.

KURZ, Giovani Tridapalli. *Ler os manuscritos de Lima Barreto*. Manuscrita. Revista de Crítica Genética, n. 40, p. 112-123, 2020.

MELO, José Radamés Benevides de. *A constituição do Autor-criador em O cemitério dos vivos, de Lima Barreto: reflexões iniciais*. II Encontro de Estudos Bakhtianos. Vida, Cultura, Alteridade. São Carlos: Pedro & João Editores, p.260, 2013.

\_\_\_\_\_. *Vozes sociais em construção: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual de São Paulo. Araraquara - São Paulo. 455 p. 2017.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.

NEGREIROS, Carmem Lúcia. *Tensões entre vida e obra nas biografias de Lima Barreto*. Suplemento Pernambuco, 2017. Disponível em: <https://suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/72-resenha/1906-tens%C3%B5es-entre-vida-e-obra-nas-biografias-de-lima-barreto.html>. Acesso em: 05 abr. 2021.

NOLASCO-FREIRE, Zélia. *Lima Barreto, imagem e linguagem*. Annablume, 2005.

NUTO, João Vianney Cavalcanti. *Dostoiévski e Bakhtin: a filosofia da composição e a composição da filosofia*. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. 6, n. 1, p. 129-142, 2011.

PELLEGRINI, Tânia. *Realismo e Realidade na Literatura: um modo de ver o Brasil*. Editora Alameda, São Paulo, 2018.

PRADO, Antonio Arnoni. *Literatura comentada: Lima Barreto*. São Paulo. Abril Educação, 1980.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do social. Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global., 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto - Triste visionário*. Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão—tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SILVA, Jules Ventura. *Lima Barreto, entre rumores e imagens: a circulação social da obra Recordações do escrívão Isaias Caminha*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba – Paraná. 153p. 2016.

SILVA, Julio Cezar Bastoni da. *Apontamentos sobre a presença das classes populares na literatura brasileira: representação, autorrepresentação e propostas para uma historiografia*. *FronteiraZ*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, n. 21, p. 214-231, 2018.

VIANNA, Luiz Fernando. *Reedição de obra de Lima tropeça*. Folha de S. Paulo. Ilustrada. São Paulo. 22 de janeiro de 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2201200515.htm>. Acesso 01 maio, 2021.